

Oscar Lopes (professor que se retira) alvo de homenagem nacional

A AULA É O ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA NA ACEPÇÃO MAIS PROFUNDA

«A Linguística é hoje fascinante porque a nossa visão do mundo físico, do mundo cosmológico, do mundo biológico ou ecológico, do mundo social e do mundo como arquitetura racional — essa visão do mundo está a alterar-se tão vertiginosamente que, de repente, surgia a seguinte pergunta: como é que podemos, ou poderemos descrever, chegar a entender-nos, a falar de uma nova realidade que aparentemente é muito mais complexa do que a nossa própria linguagem quotidiana? E torna-se óbvio que a simples linguagem de todos os dias já contém os pressupostos formais deste mundo que vamos conhecendo agora um pouco melhor, mas, sensivelmente, melhor.»

Estas palavras, endereçadas ao racionalismo que tem servido de base à civilização, são de Oscar Lopes, professor catedrático, ensaísta e crítico literário, e foram pronunciadas no decurso da homenagem nacional que acabou passado lhe foi prestada no Porto (Palácio de Cristal) por numeroso grupo de intelectuais. Trata-se do primeiro acto público de uma homenagem que vai prolongar-se por todo o ano de 1988, tendo chegado de todo o País telegramas de apoio a saudação.

«Uma obra que convoca a vez dos outros.»

Oscar Lopes, que completou 70 anos a 2 de Outubro e, por imperativo legal, deu a sua última aula no passado dia 30 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mereceu do reitor deste estabelecimento de ensino superior, prof. Alborio Amaral, a opinião de que «as suas qualidades de homem íntegro e cidadão exemplar, o seu trabalho como investigador de

reconhecido valor internacional e a qualidade pedagógica e científica que sempre demonstrou como professor da FLP, lhe mereceram o profundo reconhecimento e admiração de colegas e alunos.»

Por sua vez, a Universidade Clássica de Lisboa, pela voz do seu docente Manuel Guzmán (Faculdade de Letras), ali deixaria o juízo de que «a obra de Oscar Lopes (...) investiga, questiona, dialoga e propõe sentidos — e nisso também decide e profere». Numa palavra: é uma obra que se faz «convocando a voz dos outros.»

Uma outra voz de louvor foi a de Maria de Glória Padrão, afirmando que aquele momento era «um gesto de irradiação» que transcende o próprio homenagem, uma «festa de alegria e saudação a um vulto tutelar da cultura portuguesa.»

Outros oradores houve, como, por exemplo, José Vilele Moutinho (Associação dos Jornalistas e Homem de Letras do Porto e Associação Portuguesa de Escritores); o antigo presidente da Assembleia da República, Fernando

Amaral; José Cardoso Pires através de uma dedicatória, em que exprimia a sua admiração, num exemplar da sua última obra, «Alexandra Alpha», que publicamente ofereceu ao homenageado; Mário David Soares, presidente do Sindicato de Professores do Norte, que sublinhou a acção pedagógica de Oscar Lopes (presente também António Teodoro, do Sindicato dos Professores de Lisboa); Raul Castro lembrou a vida do intelectual, demonstrando-se em pormenores significativos da «própria vida individual»: o pintor Ângalo de Sousa ofereceu, como se fossem palavras de elogio e preito, sete serigrafias da sua autoria; o prof. José Morgado, vice-reitor vitiúcio da Universidade do Porto, evocou o homenageado na sua luta pela paz e pelo progresso do povo português; etc. Ainda Isabel Pires de Lima, no começo dos discursos: «Para a geração dos que em 1974 tinham entre 20 e 30 anos, Oscar Lopes tornou-se a própria corporação do moderno intelectual humanista.»

O elogio da aula

No agradecimento, Oscar Lopes referiu «não gostar de homenagens», mas salientou ter aceitado a que decorria «porque no seio dos seus promotores» existiam «pessoas que ao longo dos anos» com ele tinham comungado «ao nível da investigação literária e da política.»

Noutro momento do seu discurso, Oscar Lopes deteve-se na função do professor, nas potencialidades da aula («espaço de convivência na aceção mais profunda do verbo conviver») — e lembrou que fora afastado do ensino da Filosofia, da Literatura e da História durante 20 anos pelo regime derrubado em 25 de Abril de 1974.

Justificou o afastamento compulsivo (e doloroso) unicamente para pôr em evidência «o exemplo flagrante de uma má concepção pedagógica», porque, acentuou, «nunca seria menos perigosamente democrata e marxista a ensinar simplesmente Grego, Latim ou Português a crianças de 11 ou 12 anos, numa conexão

inédita com o ensino da Matemática.»

Referiu-se também Oscar Lopes a alguns aspectos da situação política portuguesa, salientando a importância da Constituição vigente, «muito diversa das antigas constituições liberais». A certa altura, disse: «Vivemos no Portugal mais democrático em que temos vivido desde as Cortes de Leiria de 1254.»

Finalmente, para os promotores da homenagem, «Oscar Lopes é um exemplo a apontar à comunidade por ter vivido várias décadas sempre de uma forma lúcida e intensa, fazendo da sua vida um combate apaixonado pela concretização das esperanças da Humanidade» — promotores que, entre outros, foram António Arnaut, Carlos Fabião, Costa Gomes, Fernando Amaral, Henrique de Barros, Ilse Losa, João Freitas Branco, José Luís Judas, Lopes Graça, Manuel Alegre, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Fernando Pitcaira Santos, Pizarra Correia.

Table with 2 columns: Dia (1-31) and page numbers (1-31). Page 22 is marked with an 'X'.

UM MILHAR DE PARTICIPANTES HOMENS DE LETRAS E DA POLÍTICA PRESTAM HOMENAGEM A OSCAR LOPES

Professores catedráticos, ensaístas e críticos literários Oscar Lopes foi homenageado no Porto com um discurso em que participaram cerca de um milhar de pessoas.

Oscar Lopes completou 70 anos a 2 de Outubro e, por imperativo legal, deu a sua última aula no passado dia 30 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Na homenagem, que decorreu no sábado, falaram Alborio Amaral, reitor da Universidade do Porto; Vilele Moutinho, presidente que representa o Associação de Jornalistas e Homem de Letras do Porto e crítico e Associação Portuguesa de Escritores — duas das instituições que promoveram a homenagem —, o presidente do Sindicato dos Professores do Norte e o escritor Cardoso Pires, que enviou a Oscar Lopes um exemplar autografado da sua última obra, «Alexandra Alpha».

Homenagens, gestos de apoio e telegramas foram enviados ao homenageado por Luís Francisco Fátima, António Bernardino, Carlos do Carmo, Vasco Gonçalves, Virgílio Flores e pelo ex-vice-presidente do PCP, Álvaro Cunhal, entre outros. Também Arnaut, Carlos Fabião, Costa Gomes, Fernando Amaral, Henrique de Barros, Ilse Losa, João Freitas Branco, José Luís Judas, Lopes Graça, Manuel Alegre, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Fernando Pitcaira Santos, Pizarra Correia, entre outros, apoiaram a homenagem.

No agradecimento ao reitor, Oscar Lopes referiu «não gostar de homenagens», mas salientou ter aceitado a que decorria «porque no seio dos seus promotores existiam pessoas que ao longo dos anos com ele tinham comungado ao nível da investigação literária e da política.»

Noutro momento do seu discurso, Oscar Lopes deteve-se na função do professor, nas potencialidades da aula («espaço de convivência na aceção mais profunda do verbo conviver») — e lembrou que fora afastado do ensino da Filosofia, da Literatura e da História durante 20 anos pelo regime derrubado em 25 de Abril de 1974.

A CAPITAL Pg. 3

Personalidades - Oscar Lopes - Comemorações Univ. Porto